



Usada por Carlos José (25 fevereiro de 1916 – 31 agosto de 1991), natural do Freixial e morador em Ribas de Baixo, trabalhador no aviário do Freixial e na Quinta da Chamboeira, exercendo trabalhos nas hortas e nos pomares.

Carlos José pertenceu à última geração que usou este tipo de vestuário.

A sua geração protegia a cabeça do frio do inverno, no decurso do trabalho agrícola.

No tempo mais quente substituíam-no por um chapéu.

No convívio da taberna, o barrete servia de bolsa: dentro dele, colocado na cabeça,

metiam-se os trocos e os apetrechos para o tabaco.

Também se usava nos dias de feira.

Aos domingos, o barrete era trocado pelo chapéu de abas largas.

O barrete, em preto, era a cobertura de cabeça, também escolhida por carroceiros,

por vendedores de produtos hortícolas e por pescadores.

Sofria o desgaste do uso e do esbater da cor, pelo sol, adquirindo uma tonalidade cinza.

Este barrete deixou de ser usado por Carlos José, após este ficar bastante doente

e ter de deixar o trabalho do campo, no início da década de 1950,

mantendo ainda a cor preta.

Doação ao museu, por Laurinda da Conceição de Jesus Martinho, em 2012.

Intervenção de conservação sob a orientação do Museu Nacional do Traje.

Barrete

Cobertura de cabeça, “de tecido de lã preta, com borla franjada de fio de lã da mesma cor, aplicada na extremidade superior.

Interior de malha de lã preta e cinzenta.”

(descrição de Dina Dimas, Museu Nacional do Traje).

